

Entrevista

Joana Oliveira forma a dupla Mezzo Atelier com Giacomo Mezzadri. Conheça-os e aos seus projetos. Saiba também mais sobre o que lhes valeu o prémio 'Paulo Gouveia'

Pink House: um projeto em que o futuro bateu à porta da memória

MIGUEL BETTENCOURT MOTA
miguelmota@acorianooriental.pt

O vosso projeto Pink House acaba de receber o prémio de arquitetura 'Paulo Gouveia'. Como sabe ver o vosso trabalho e imaginação materializados num galardão que tem o nome do expoente do pós modernismo nos Açores?

Depois de um trabalho que se revelou bastante longo - ao nível do projeto e também devido à parte burocrática inerente ao licenciamento turístico - foi muito satisfatório. Desenvolvemos não só a arquitetura, mas também os interiores e chegamos ao detalhe das peças de mobiliário e iluminação, portanto, foi um projeto que demorou a amadurecer. Receber um galardão 'em casa' e ainda por cima ligado ao arquiteto Paulo Gouveia que tem uma obra tão sensível foi extremamente gratificante.

A Pink House tem sido divulgada em algumas das mais conceituadas revistas de arquitetura e sites da especialidade. O que foi contemplado em termos de ideias que a façam resultar tão bem aos olhos do mundo, na vossa opinião?

Penso que o que resultou muito bem foi termos conseguido criar um equilíbrio entre a tradição e a contemporaneidade. Há uma harmonia que permite que essas duas partes - tão importantes na arquitetura - tenham o seu peso e funcionem em simbiose. A nossa estratégia passou por manter as características rurais da edificação, adicionando uma linguagem contemporânea que permitisse uma vivência mais funcional e adequada ao novo programa, havendo sempre uma continuidade e um respeito grande pela história e memória do lugar.

O escritório Mezzo Atelier tem vivido sempre da dupla Giacomo Mezzadri e Joana Garcia de Oliveira. O que bebem um do outro e como

mantém uma linguagem arquitetural tão coerente?

Nós temos percursos e 'backgrounds' profissionais diferentes, complementando-nos um ou outro. Eu venho de um percurso de arquitetura mais clássico, digamos assim, e o Giacomo expandiu esse campo trabalhando com um atelier mais pautado pela arte e pelo design. São áreas que tentamos manter e desenvolver nos nossos obras independentemente da escala em que trabalhamos.

O último projeto que vos vimos assinar em São Miguel foi o pavilhão temporário da última edição do festival Walk & Talk. Há algo mais em perspectiva para a maior ilha dos Açores num futuro próximo?

Nós estamos há algum tempo a desenvolver um projeto para duas pequenas unidades turísticas que terão lugar numa quinta nas Feteiras. Vamos fazer duas novas tipologias para turismo rural e, mais recentemente, a Câmara Municipi-

A nossa estratégia passou por manter as características rurais da edificação, adicionando uma linguagem contemporânea que permitisse uma vivência mais funcional

Nós somos fãs da criptoméria - usamo-la até no interior da Pink House - só temos pena que, em outros projetos, não possamos adquirir madeira açoriana certificada com outro tipo de características



Joana Oliveira e Giacomo Mezzadri são os Mezzo Atelier, parceria e escritório luso - italiano que se formou em 2013

pal de Ponta Delgada também nos contactou para desenvolvermos o projeto ECO-VIA do Norte que foi aprovado no âmbito do Orçamento Participativo. Estamos a trabalhar numa parte da ilha que desconhecíamos por completo e estamos muito contentes por podermos intervir mais a nível paisagístico.

A dificuldade ao nível do licenciamento turístico nos Açores é um entrave para vocês, enquanto arquitetos? É algo que contribui para hoje terem um pé em Itália e outro em São Miguel?

Não, gostamos de manter essa dupla base. A nível de arquitetura temos até mais projetos em São Miguel do que, propriamente, em Itália (onde trabalhamos, sobretudo, ao nível de interiores e de mobiliário customizado). Agora, há, de facto, uma espera grande relativamente aos pareceres dados pelo Turismo nos Açores. Muitas vezes, demoram mais de um ano e pode ser muito constrangedor para os privados, que ficam com os seus projetos completamente bloqueados. Compreendo que tenham sido algo surpreendidos pela grande procura no setor, nos últimos anos, mas espero que já tenham tido tempo para se reorganizarem de modo a darem respostas mais céleres.

Não tem sido incomum ver-vos recorrer à criptoméria japónica, tão pre-

sente na área florestal dos Açores, e o mesmo temos observado numa série de outros projetos na Região. Esse 'boom' é de condenar ou de aplaudir? (...)Penso que é perigoso apostar-se apenas num tipo de espécie. Acho que os Açores têm imenso por onde explorar. Há madeiras com características diferentes, que são mais resistentes e com vantagens que poderiam ser muito mais exploradas. As 'monoculturas' são sempre muito perigosas a longo prazo, no meu entender...

...Entende que o seu potencial está demasiadamente explorado?

Acho que é muito positivo usar a criptoméria, penso é que tem de ser criteriosamente escolhido a situação em que usá-la. Alguns projetos ainda são recentes e eu julgo que é preciso dar tempo para que se perceba que ambientes lhe são mais favoráveis. A criptoméria apresenta um baixo custo, é fácil de se trabalhar e adapta-se ao clima húmido, isso são vantagens. No entanto, há que chegar à conclusão se, em determinados investimentos e contextos não será melhor apostar-se numa madeira com maior longevidade e que não implique tanta manutenção ou até substituição. Nós somos fãs da criptoméria - usamo-la até no interior da Pink House em variadas formas - só temos pena que não possamos adquirir madeira açoriana certificada com outro tipo de características que sejam mais adaptadas a outro tipo de situações.